



CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.dj@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176



Raissa Machado sonhava em ser delegada, mas se tornou um dos principais nomes do país no lançamento de dardo. Amanhã, a baiana de 28 anos inicia saga para transformar a prata de Tóquio-2020 em ouro na França, após uma depressão

A nova cruzada

VICTOR PARRINI

Raissa Rocha Machado nasceu com má-formação nas pernas. Levou tempo para aceitar a condição e conciliá-la aos sonhos. Alguns, fora do esporte. Durante a infância, a baiana de Ibipeba sequer imaginava rodar o mundo competindo. A meta, mesmo, era se tornar delegada. Porém, como costuma dizer: "Deus escreve o certo por linhas tortas." Aos 28 anos, vive a expectativa da estreia na segunda Paralimpíada da carreira, com o status de recordista mundial do lançamento de dardo classe F56 (para atletas com comprometimento nos membros inferiores, que lançam sentado) e possibilidade de transformar a prata obtida em Tóquio-2020 em ouro na versão francesa dos Jogos, amanhã, às 5h15, na classificatória. Se tudo der certo, estará na final de terça-feira, no Stade de France.

"Comecei no esporte com 12 anos. Na verdade, o esporte me escolheu. Eu não queria ser atleta, queria estudar e ser delegada. É tudo Deus, é sempre o propósito dele nas nossas vidas. Falo que o esporte entrou na minha vida para me salvar, principalmente pela questão da deficiência. Eu não me aceitava, não gostava do meu corpo. O esporte me trouxe isso. No começo, foi muito difícil, eu não queria", relata ao **Correio**.

Família, treinadores e profissionais do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) foram fundamentais na ajuda a Raissa durante o processo de autoaceitação. Hoje, ela fala com orgulho sobre trajetória e deficiência. Inclusive, tornou-se inspiração para seguidores, embora evite o rótulo. "O esporte ajudou a me enxergar como mulher, pessoa, e que não preciso ter medo da sociedade. Todo mundo é diferente, esse é o legal. Ainda tenho certa dificuldade de me ver como inspiração, mas tento inspirar muitas mulheres se aceitarem do jeito que são, independentemente se são deficientes", destaca.

Raissa é alto-astral e otimista em eventos, competições. Mas e fora desses ambientes? "É uma mulher empoderada, influenciadora, empresária, dona de si e acredito que tudo isso foi o esporte que me deu, principalmente o empoderamento feminino de me achar linda, independentemente da opinião do outro", define-se. A medalhista de prata no Japão tem mais de 151 mil seguidores no Instagram e utiliza o alcance como ferramenta para ajudar pessoas ao falar sobre deficiência, autoaceitação e papel feminino.

Quem observa Raissa brilhando no atletismo talvez não saiba das tentativas de se encaixar no esporte. Tentou basquete, mas correu da bola. Curtia o vôlei sentado, mas não suficiente para adotar como modalidade para a

vida. Fã de carteirinha de Daiane dos Santos, entrou para a ginástica e se dedicou ao balé, mas os olhos da baiana brilharam mesmo com o lançamento de dardo.

Raissa espera retornar ao Brasil ao fim dos Jogos Olímpicos com uma atualização na galeria pessoal. O sonho da medalha de ouro vai muito além do resultado. Na Rio-2016, terminou em sexto lugar e começou a sentir uma mudança interna. Em Tóquio-2020, esteve a 12cm do título, faturou a prata, mas não sentiu alegria suficiente para comemorar. Naquele momento, estava em depressão. "Acredito que todo mundo precisa passar por um psicólogo, principalmente depois da pandemia. O Rio-2016 foi uma transformação de dentro para fora, aceitação. Tive de perder para mim mesma, não para adversárias, para eu aprender a dar valor em tudo que Deus estava me proporcionando. Tóquio foi totalmente diferente, pois fui para lá com depressão, só não sabia", compartilha.

"Eu estava em uma depressão muito profunda, não estava sentindo mais nada. Quando o atleta não sente nada, pode saber que tem algo errado, pois em toda competição você sentirá alguma coisa. Mas Deus escreve o certo por linhas tortas", completa. O acompanhamento psicológico sempre esteve no cronograma da baiana. No entanto, o cuidado era para o lado profissional, e não pessoal. "Fui preparada para o esporte e não para a vida pessoal. Esqueci da minha vida pessoal. Parece que você se perde, tem uma coisa, mas esquece outra. Eu não me conhecia mais, por mais que estivesse me destacando e trazendo visibilidade para o esporte. A Raissa atleta precisa da Raissa pessoa, é um conjunto."

A medalhista ressalta como é ser mulher negra e deficiente em uma sociedade não tão preparada para colocar em prática discursos de inclusão. "Temos de provar três vezes ou quatro se somos boas. É desafiador, mas nada que não seja gostoso para nós, para quebrar vários tabus, como nordestina, mulher negra e cadeirante", afirma.

"Falo que o esporte paralímpico evoluiu de quatro em quatro anos, pois é nesse período que passamos na televisão e temos visibilidade muito boa. Não somos coitados, somos pessoas para se inspirar", afirma.

O fato de ser cadeirante não inibe a vaidade de Raissa. "Cada mulher tem sua beleza e tem de se sentir bem do jeito que é. Gosto muito de cuidar do meu visual. Como diz o Léo Santana (cantor), estou sempre 'posturada' e calma. Acredito que o visual sempre chega primeiro, por isso você me vê numa cadeira mais bonita. A cadeira virou os meus sapatos", comenta.

"Falo que o esporte paralímpico evoluiu de quatro em quatro anos, pois é nesse período que passamos na televisão e temos uma visibilidade muito boa. Não somos coitados, somos pessoas para se inspirar"

Raissa Machado, atleta